



MUNICÍPIO DE ESPINHO
BIBLIOTECA

DEFESA DE Espinho

DIRECTOR: ANTÓNIO F. GAIO

SUBDIRECTOR: ANTÓNIO A. SANTOS

ANO 45 / N.º 2255 — 21 DE JUNHO DE 1975 / PREÇO 3\$00

Flagrantes da Cidade

1. Há dois anos foi um dia de festa na cidade. Dezenas de contos gastos em papel para lançar sobre «personalidades» que visitaram Espinho (Quem adivinha quem?). Um dia em que dificilmente aqueles que não estavam interessados em tais «personalidades» encontraram qualquer refúgio, a não ser fechar-se em casa, dado que tudo foi programado para garantir a afluência máxima de povo ao desfile.

Dois anos depois dos foguetes, dos coloridos papeizinhos, dos discursos «embargados de emoção e reconhecimento a quem tanto fez por Espinho!» E o que fizemos nós por Espinho? Que cidade temos? Bem, há ruas, prédios, escolas, vida comercial... E onde a cidade no meio de tudo isto? Que papel assume o cidadão, aquele que habita a cidade com a preocupação de não estar só por estar? Quantos cidadãos somos? Quantos somos capazes de ser? As estatísticas falam em 20.000, mas quem acredita?

Menos, muito menos. Tão poucos como poucos são os que reparam, por exemplo, que a cidade continua comprometida—os pescadores ao Sul, Rio Largo ao Norte, as barracas nos arredores. A cidade no centro. Que é onde fica bem. E quantos se preocupam em desenvolver actividades de benefício para a comunidade?

Polis-cidade; política-governo da cidade. Seremos políticos? No café, talvez. E no momento do compromisso, no exacto momento de ter uma cidade pela frente e não lhe voltar as costas?

Uma cidade por inventar.

2. Instinto: impulso natural. O Homem tem instintos; para o amor, para a paz, para aquilo que «faz o Homem redondo e humano»? Sim, parece que ainda há uns inocentes que vão nisso. Porém, devem ser cada vez menos, o que é natural se repararmos que só os instintos mais primários, mais próximos do animal que também somos, são exaltados em filmes, livros, etc.

«Instinto de Matar» — filme em exibição dias atrás no cinema S. Pedro, numa série de filmes semelhantes que parecem querer tornar-se o único género da Sétima Arte. O oportunismo em cinema documentado no título e nos cartazes de publicidade exposta: dos 16 que vimos nada menos de 8 apresentaram imagens de apelo directo à violência, desde «o artístinha» de pistola na mão a disparar em várias posições, até à agressão a uma qualquer personagem feminina do filme.

A noite a casa deve ter estado à cunha.

3. No Casino também há cinema, isto é, passam umas fitas de qualidade mais que duvidosa. Mas algo de positivo se tem passado graças às tais fitas: a sala do Casino abriu-se a um tipo de público que há 2 ou 3 anos seria impensável ver por lá. Agora, quando há sessão prometedora, é ver as dezenas de bicicletas e motorizadas que enchem a rua e o passeio. Democratização inesperada.

A. S.

Estatuto Editorial da «Defesa de Espinho»

De acordo com as disposições do n.º 4 do artigo 3.º da Lei de Imprensa, publica a «DEFESA DE ESPINHO» o seu Estatuto Editorial:

1 — O jornal «DEFESA DE ESPINHO» conta 43 anos e, apesar da sua nova orientação, não abdica da sua condição de semanário regional, pelo que dará toda a prioridade ao debate e exposição dos problemas mais directamente ligados à população da região, não afastando a possibilidade de tratar quaisquer outros temas de reconhecido interesse nacional.

2 — No sentido acima enunciado, os responsáveis pela «DEFESA DE ESPINHO» têm a noção de que se lhes impõe uma atitude dinâmica no tratamento da informação de forma a tornar o jornal activo e participante nos problemas que

afectam a sociedade em que vivemos.

3 — O jornal «DEFESA DE ESPINHO» está intransigentemente com o processo revolucionário para a construção duma sociedade socialista e associa-se ao Movimento das Forças Armadas e às massas populares nesse propósito comum. Não foge assim à sua responsabilidade política, procurando todavia a Redacção manter-se à margem de posições partidárias.

4 — A «DEFESA DE ESPINHO» está aberta à colaboração de todos os interessados, reservando-se a Redacção o direito de fazer publicar os artigos, consoante eles se integrem ou não no espírito do artigo 3.º deste estatuto editorial e no articulado legal da Lei da Imprensa.

Fim de Semana • 108

Lastimo o teor da resposta do Secretariado da Secção de Espinho do Partido Socialista.

Lastimo-o por ele e não por mim. E isto porque:

1.º — A balzeza de processos a que recorre o Secretariado, não hesitando no recurso ao insulto e à injúria, demonstra o baixo nível de actuação do partido que denunciarei;

2.º — A defesa pelo denegrimiento do adversário é o método usual de quem não tem argumentação séria e válida a contrapor;

3.º — A resposta em nada demonstra a inexactidão das considerações que escrevi sobre o partido, que sempre fundamentalmente, limitando-se, e apenas em alguns casos, a opor uma simples negativa; outrossim não refuta a autenticidade de nenhuma das citações que fiz.

Logo, tudo quanto afirmarei corresponde à verdade.

Sempre tive o propósito de apontar o que julgava contradição de princípios na actuação do P.S.; nunca neguei a representatividade, força e potencialidade do partido; por isso mesmo, é tanto mais de lastimar o teor da resposta, dada a responsabilidade política do P.S.

Allás ser-lhe-ia inútil negar o que afirmarei quanto à posição doutrinal do Partido depois da comunicação do seu Secretário Geral no encontro dos trabalhadores socialistas de Seguros, que teve lugar no passado fim de semana, e ainda pelo facto de o «revolucionário» Secretário Geral do P.S. — «Partido de Esquerda» — ter ido conferenciar este fim de semana com o «anti-capitalista» Willie Brandt.

E, se o Secretariado quiser ser leal, pode verificar que também apontei virtudes e del razão por vezes ao seu P.S.

A acusação de reacconarismo e de tendências de direita que me faz, aparte ser método sórdido de ataque (allás na linha de falta de nível de toda a resposta), é-me indiferente.

Só esclareço que não procedo integrado em qualquer força política; prezo a minha liberdade o suficiente para não admitir uma ligação política que me obrigue a olhar só para um lado.

A honestidade é desaconselhável aos políticos.

Mesmo assim teria sido de elementar seriedade o Secretariado informar-se correctamente do meu passado político, porque se o tivesse feito, já não teria escrito a série de asneiras que a resposta contém acerca da minha pessoa.

Dispensar o aval de idoneidade política do P.S. ou de qualquer outra formação política; em nada me é preciso.

O P.S., ciente da sua maioria, não admite qualquer oposição ou crítica; tem de ter o exclusivo da verdade, segundo entende, e que todos se submetam a ela. Pergunto: ante este procedimento, quem é reacconário, quem procede com direitismo?

Das citações que me indicam, umas conhecia, outras não; também conheço muitas outras; tudo o que afirmarei foi ponderado e concluído em face de factos e notícias (que o Secretariado não desmente); quando fiz citações foi para demonstrar que não estava só. E no peso das conclusões a que cheguei também entrou o «Responder ao País» que referem.

Quanto às opiniões do Partido Comunista Italiano, depois da forma como se insurgiu contra a suspensão do P.D.C., parece que não serão muito de invocar como abonatórias; aliás nada me interessam opiniões de forças políticas estrangeiras acerca das nossas.

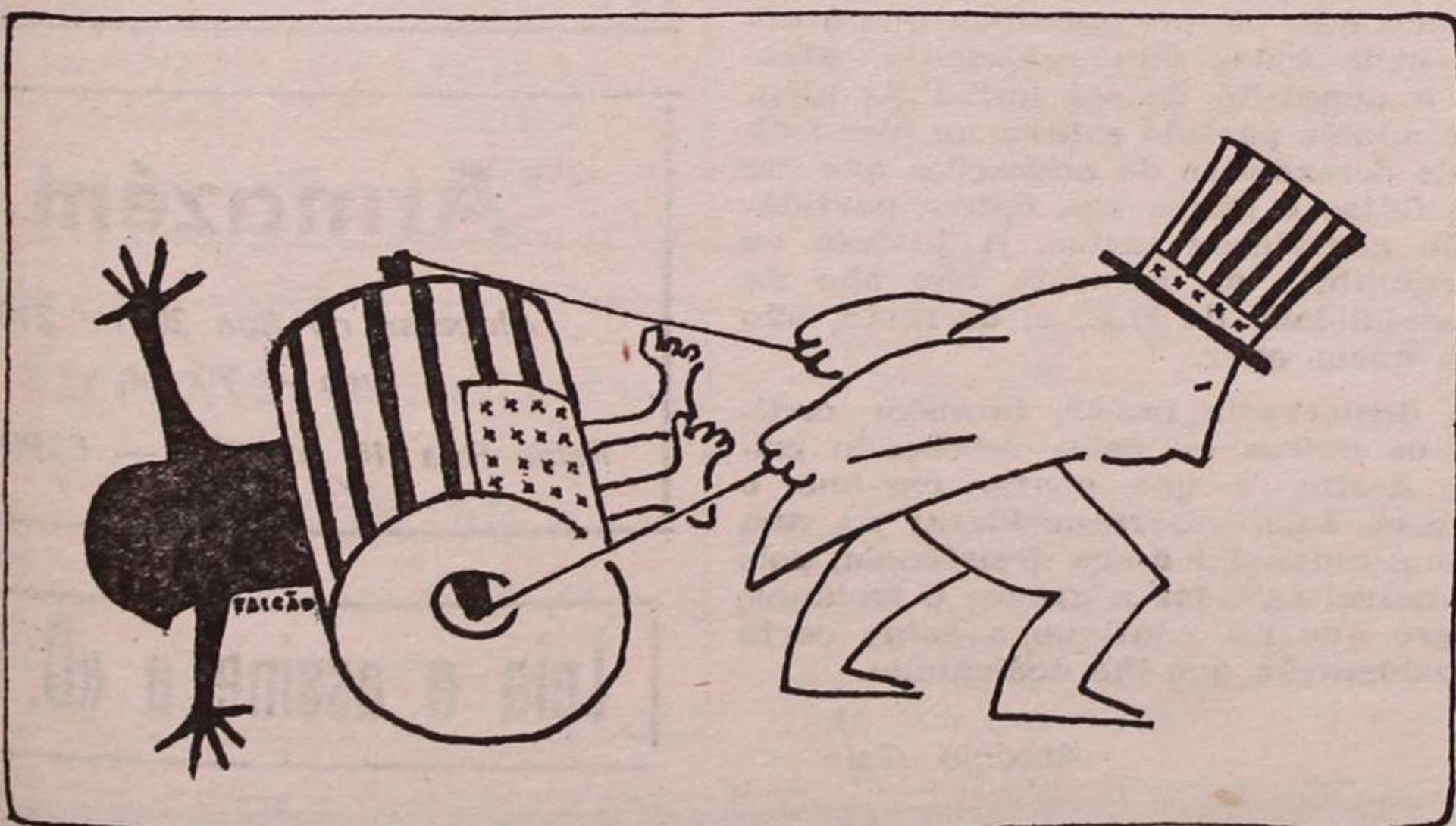
★

Sobre a minha passagem pelo cargo de vice-presidente da Câmara no tempo da escolha com o dedo no gatilho, mais uma vez a falta de escrupulo na averiguação dos factos determinou o que o P.S. local julgou um enxovalho para a minha pessoa.

Averiguem como fui nomeado, depois de ter sido abordado por três vezes e sempre ter recusado. E, se tivessem

(Conclui na pág. 2)

Os bonecos do Falcão



LEIA NESTE NÚMERO

Pág. 4:

Escola viva

Pág. 5:

Espinho e a praia

FIM DE SEMANA • 108 (Conclusão)

acesso aos arquivos da ex-FIDE - DGS., é possível que algo interessante encontrassem a meu respeito; por mim nunca me dei ao trabalho de verificar, mas por factos ocorridos deve lá existir qualquer coisa, primeiro por volta de 1933 e depois a partir aí de 1955-60 e com continuidade até final.

É evidente que aos vossos processos de ataque não interessa uma investigação deste género.

É o que escrevi aqui não é qualquer justificação perante quem quer que seja: é apenas para saberem que a passagem pela Câmara Municipal de Espinho em nada me diminui perante mim próprio. Aliás, o P.S. tem na Assembleia Constituinte como seu deputado o Dr. Miller Guerra, que o foi pela A.N.P. na extinta Assembleia Nacional, o que não impede de eu ter por ele consideração e admiração incondicionais.

★

Quando à repetida acusação de oportunismo, não me afecta; hoje é moeda corrente para atacar os que pensam ao contrário de nós, à falta de elementos para lhes contestar com honestidade as posições.

Sempre os informarei que recusei lugares de consultor de organismos corporativos; que, apesar de ter tido nos governos anteriores a 25 de Abril amigos e condiscípulos, passei a ignorá-los quando subiram ao poder e nunca pedi nada para mim, para os meus ou para amigos; do mesmo modo procedo com amigos, condiscípulos e conhecidos que têm estado no poder depois de 25 de Abril. E num caso e noutro têm sido muitos.

Se fosse oportunista, aliás, teria procurado filiar-me no vosso partido, para gozar o conforto e amparo de 50 por cento da população, segundo a última estatística divulgada pelo vosso Secretário Geral.

Por fim, talvez possam ver nos arquivos da «Defesa» muitos originais cortados pela censura, o que mostra que antes do 25 de Abril fazia mais que muitos revolucionários socialistas de Espinho.

★

Sobre a falta de coragem, só a cegueira partidária vos incapacita de fazer um raciocínio elementar: sendo Espinho uma cidade fortemente dominada pelo P.S. pode não ter coragem quem vem criticá-lo no jornal da terra?

Quando os senhores do Secretariado insinuam que me escondo por detrás de citações ou reprodução de conversas de café, esclareço que:

a) — ao reproduzi-las, sempre me solidarizei com elas;

b) — as conversas de café que citei são reais; não esqueçam que, mesmo pela

vossa estatística, metade da população não está convosco.

Sobre o insulto pessoal, a injúria, o achincalhamento contra a minha pessoa, direi:

1 — Não injuria quem quer (palavras do Dr. Mário Soares) e por isso mesmo as injúrias do Secretariado não me atingem;

2 — Não sei, nem me interessa nada saber, nem procurarei saber quem são as pessoas que formam o Secretariado; supunha que o partido teria o cuidado de colocar nesses lugares pessoas educadas que o soubessem defender com apuro, elevação e educadamente, isto é, dispensando aos outros o respeito que certamente exigiriam para si.

Infelizmente (para o vosso partido), enganei-me.

3 — Não descerei à polémica em termos e processos de baixo nível como os do Secretariado.

★

Se as minhas crónicas e a sua publicação constituem (em vossa opinião) delito de imprensa, os termos com que me tratam constituem crime de abuso de liberdade de imprensa.

Não procederei, porque possivelmente envolveria o director do jornal, pessoa que ainda considero, e porque não estou para gastar tempo e dinheiro com o Secretariado.

Para terminar, e sobre a minha falta de coragem, informarei o Secretariado de que a direcção do jornal me dera conhecimento da existência do vosso texto, sem, aliás, me revelar o seu conteúdo, salvo na referência à passagem pela Câmara alvitando que suprimisse dois apontamentos do Fim de Semana 107, que se referiam ao P.S. — o que recusei.

Acabam aqui as minhas respostas ao P.S. de Espinho.

2.

Assim como exijo que me reconheçam liberdade de exprimir o meu pensamento, exijo que outros possam ter o direito de discutir as minhas opiniões.

Por isso mesmo entendo que a «DEFESA DE ESPINHO» tinha a obrigação de publicar qualquer texto do Secretariado de Espinho do P.S., ou de qualquer outro partido, para demonstrar que afirmações ou conclusões minhas eram erradas.

Mas o que já não era obrigada era a inserir qualquer texto injurioso.

Se entendermos que o texto do Secretariado representa o exercício do direito de resposta, do que tecnicamente temos dúvidas em face do artigo 16.1 da Lei da Imprensa (quase podemos afirmar que não representa esse direito, pois se exigiria a assinatura do texto com reconhecimento notarial, além de outros circuns-

tancialismos), podiam Director e Conselho de Redacção recusar a publicação desde que «contenha expressões desprimorosas ou que envolvam responsabilidade civil ou criminal» — n.ºs 4 e 7 do citado artigo.

Se o texto não constitui tecnicamente resposta, com maior liberdade podiam a Direcção e Redacção recusar a publicação, enquanto não sofressem nova redacção, em que tais expressões fossem eliminadas, tanto mais que neste caso o Director é responsável criminalmente juntamente com o autor do escrito.

Daqui concluímos que a Direcção e a Redacção, ao publicarem imediatamente o texto e com o destaque que lhe deram, se solidarizaram no insulto ao seu colaborador, o que o inibe, logicamente, de continuar a prestar qualquer colaboração ao jornal.

Aqui, pois, acabam os «Fins de Semana», de maneira que lamento em relação ao jornal, de cuja direcção e redacção sempre esperarei o mínimo de consideração para quem, desinteressadamente, em 108 semanas consecutivas prestou a sua modesta colaboração ao periódico, tão desinteressadamente que sempre pagou a assinatura do jornal, como qualquer leitor.

Resta-me apresentar as minhas saudações aos leitores que tiveram a gentileza de me lerem.

15-6-1975.

VASCO LUIS

NOTA DO DIRECTOR

Mais que não fosse, e para além das relações de amizade que vêm dos meus tempos de estudante, a regularidade da sua colaboração era razão de extrema força para impor à minha consideração o Dr. Vasco Luís, cujos Fins de Semana têm sido uma constante da D.E., em cento e oito publicações consecutivas.

Mas, ainda acima desta notável demonstração de regularidade, o Dr. Vasco Luís tem sido sempre observador atento do que se passa à sua e à nossa volta, tecendo a propósito dos acontecimentos sucessivos os comentários que o seu pensamento lhe sugere, com uma variedade que a muitos tem agradado, embora também haja quem não concorde com ele ou até nem goste de lê-lo.

Por isso é que me custa a aceitar a sua decisão de findar mesmo o «Fim de Semanas».

A D.E. publicou na íntegra o Comunicado do P.S. porque entendeu que é um órgão onde todos têm cabimento, afastando a acusação de ser anti-P.S., além de que aquele partido estava no pleno direito de defender-se de acusações que lhe foram feitas e que a sua óptica partidária não considerou justas. A justeza ou o desequilíbrio da resposta não são da responsabilidade da D.E. e, de resto, não injuria quem quer.

A democracia faz-se, também, criticando os outros ou deles recebendo críticas. Assim, é que confio em que o Dr. Vasco Luís vai reconsiderar na sua decisão e renunciar à sua desistência, pois é impossível agradar a gregos e troianos, e espero que ele continue a estar certo da consideração que lhe dedicamos.

António Gaio

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOSE JOAO MAIA
JOSE PINTO
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração

RUA 19 — N.º 62

TELEFONE, 921525

AVENÇADO

Composição e Impressão

OFICINAS GRÁFICAS DA
CASA NUN'ALVARES

Rua de Santa Catarina, 630

PORTO

PASSA-SE Café Copélia

Rua 23 n.º 808 — ESPINHO

Motivo à vista

CASA

Casal idoso pretende alugar ou comprar, para todo o ano, com 5 divisões, independente, com quintal ou jardim, modesta, localizada na Aguda, Granja, Silvalde ou Espinho
Telef 0025-23394 — Paredes - Douro

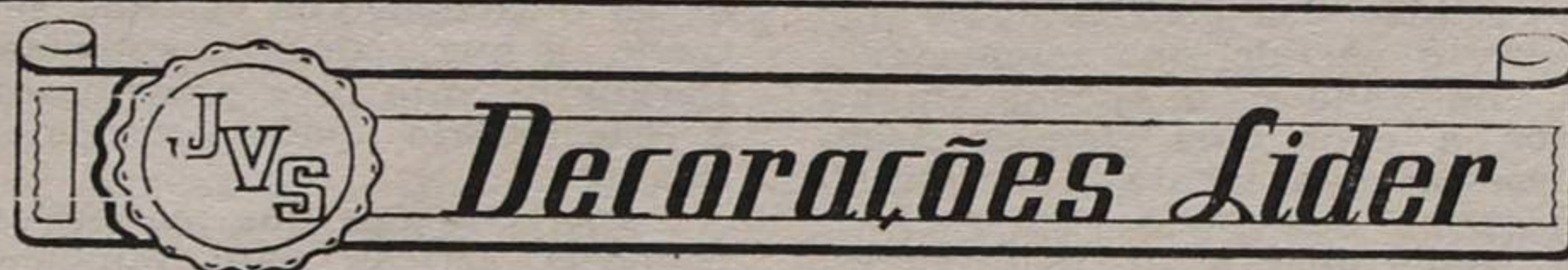
Armazém

Aluga-se na Rua 26 n.º 216

área — 70 m²

Falar Rua 16 n.º 350 — ESPINHO

Leia e assinie a «D. E.»



TAPETES — ALCATIFAS
CARPETES — PAPÉIS DE
PAREDE

DE JACINTO VALENTE DOS SANTOS
Rua 18, 991 • Telef. 920723
ESPINHO

O Patronato da Divina Providência

Fundado em 1948 por D. Sílvia Cardoso o Patronato da Divina Providência é ainda hoje desconhecido de muitos espinhenses.

A data da sua fundação, o Patronato foi integrado com outras obras de assistência na «Cruzada do Bem» com sede no Porto.

Nos primeiros anos da sua fundação foi subsidiado pela sua fundadora com o auxílio da extinta Comissão Municipal de Assistência. Reconhecida a sua importância social pela então Direcção Geral de Assistência, foi-lhe atribuído um subsídio ordinário. Este subsídio há muito que está

desactualizado. Tanto a Câmara Municipal como a Junta de Freguesia têm concedido alguns subsídios eventuais que estão longe de satisfazerem as necessidades com que o Patronato se debate.

Durante alguns anos a «Caritas» subsidiou o Patronato com géneros alimentícios o que permitiu o fornecimento gratuito da refeição do almoço e lanche.

Neste momento e dada a situação económica ser precária, apenas é distribuída às crianças uma sopa. A refeição completa-se com o que as crianças levam de casa o que tem

criado situações desagradáveis para as próprias crianças, visto umas levarem um almoço melhor que outras.

Além dos poucos subsídios já referidos, existem ainda outros de algumas empresas e cotizações de sócios. Como finalidade do Patronato destina-se a dar assistência e instrução pré-escolar a crianças cujas mães por deveres profissionais de operárias, serviçais ou empregadas estão ausentes de casa durante o dia.

Além desta actividade o Patronato tem também um Jardim de Infância para crianças de ambos os sexos em idades compreendidas en-

tre os três e seis anos.

Este Jardim de Infância é dirigido por uma técnica de Educação mas em virtude do aumento de frequência teve que se recorrer à contratação de uma auxiliar.

Para as crianças do ensino primário existe uma sala de estudo que se destina à preparação dos trabalhos escolares orientados por uma responsável.

Neste momento a direcção pensa na criação de uma creche anexa ao Patronato-Jardim de Infância para o que apela à população de Espinho para que participe nesta iniciativa.

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

Vem aí a praia!

Vem aí a praia. O sol a queimar as peles. O mar a acalmar os calores. A areia a fazer erosão nos calos renitentes. E os amores súbitos criados à beira-mar. E os físicos bem dotados às cotoveladas nos esqueletos visíveis. E as curvas sinuosas e elegantes a fazer inveja às varizes quarentonas.

O mar, que se instalou, com carácter aparentemente definitivo, na praia central, forçou a modificações nas nossas estruturas balneares. Em todos os aspectos. A zona de banhos vai transferir-se para norte da zona do centro. Os banheiros, em vez da sua activi-

dade isolada e ferozmente individualista, juntaram-se em cooperativa. E até os futebolistas do Maracanazinho vão ser forçados a fazer defeso, que os tempos são outros e o pontão provisório vai permitir que nele se faça o estacionamento de carros.

Muitos dos banhistas que escolhem Espinho vão encontrar novidades e deverão aclimatar-se a elas, dando mostras da compreensão que os banheiros merecem, até pelo acto colectivo de que foram capazes. E não só os banhistas de fora mas também os da terra.

AS MÃES OPERÁRIAS

O Patronato de Espinho está, como noutra localidade deste número se noticia, a prestar várias modalidades de assistência, entre elas a de tomar a seu cargo os filhos de operárias durante o período de trabalho destas. Satisfazendo o pedido que nos é feito, torna-se público às mães operárias que, para o citado efeito, o horário do Patronato é das 7,45 às 18 horas.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.
Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes
Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.
Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)
Telefone de urgência 922329
Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

Nadadores - Salvadores

Precisam-se

Propostas à Comissão Municipal de Turismo

DO HOSPITAL

Movimento de 9-6-75 a 17-6-75

Internamentos Gerais	50
Exames Radiográficos	78
Crianças Nascidas	22

Intervenções Cirúrgicas

Obstetrícia	1
Cirurgia Geral	12
Otorrino	11
Urologia	1
Ortopedia	1

Serviço de Urgência

Homens	270
Mulheres	257

PELA PSP

No passado dia 9 foi queixar-se à PSP Joaquim de Oliveira Coelho de lhe ter sido furtado junto à sua residência em Tabuaça, Anta, o seu automóvel TO-24-92. Este veio a ser apreendido pela PSP de Matosinhos, sendo os ratoneiros detidos e entregues no Tribunal daquela localidade.

★

A PSP de Espinho, depois de o ter localizado na nossa cidade, entregou no passado dia 10 o automóvel MT-19-14 ao seu proprietário.

★

No dia 10 foi à Secção da PSP Elmano Rodrigues Ferreira, residente na rua 10, para apresentar queixa por lhe terem sido furtados do seu automóvel, que estava estacionado junto à sua residência, várias cassetes de música gravada, um guarda-chuva e outros artigos.

ALERGIA AO VERDE?

Bem andaram os serviços municipais ao taparem o feio gradeamento da C.P., ao longo da rua 8, com uma bordadura de verdes plantas, dando-lhe assim um aspecto agradável. Parece-nos que essa verdura mereceria, assim, o respeito de toda a gente. Mas, talvez por alergia ao verde, nem todos pensam de tal modo. Desde o espírito de destruição que leva ao arrancar folhas e partir galhos até à insensibilidade que não aconselha o automobilista a estacionar o seu bólido sem embater o muro de verdura, há um sem número de outras modalidades de destruir o que tão sensatamente foi construído. Ora vamos lá, minha gente, vamos a tomar juízo e respeitar o que merece respeito, ou não?

CAMPISMO MAIS CÓMODO

O vilipendiado mini-parque-campista de Espinho lá vai cumprindo a sua missão apesar de quantas mordidelas lhe têm sido dadas. Enquanto não chega a hora de se construir um «autêntico» Parque Campista em Espinho, o Município trata de aproveitar o pouco que tem e de lhe introduzir melhorias que deem aos seus utentes maiores comodidades. Assim, foi ali construído um pequeno pavilhão com vista a suprir algumas das insuficiências que se vinham a sentir, com dois sectores. Um dedicado às bancas e aos tanques; outro destinado à higiene pessoal. Deste modo os campistas que até Espinho venham passarão a beneficiar destes melhoramentos, que lhes facilitarão a sua estadia.

FALECIMENTOS

EM ESPINHO:

Laura Antónia de Amorim, de 80 anos, casada com José da Rocha Milheiro; Alfredo Fernandes Rodrigues, de 50 anos, solteiro;
Nelson de Oliveira Lemos, de 62 anos, casado com Ilda de Jesus Albuquerque; Ana Ferreira Macedo, de 75 anos, viúva de António Ferreira da Rocha; José Pinto Romeira, de 84 anos, viúvo de Maria Rosa Alves Fardilha; Madalena de Oliveira, de 80 anos, viúva de Alfredo Tavares de Pinho.

EM ANTA:

Manuel Joaquim Tavares, de 72 anos, viúvo de Rita Pereira Bernardes.

EM SILVALDE:

Ana Gomes Tomaz, de 75 anos, divorciada de Manuel Dias da Silva, tia de D. Ana Violas.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

2.º TURNO

Hoje, Sábado, — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telefone 920352;
Amanhã, Domingo — FARMÁCIA SANTOS, Rua 19, n.º 263 — Telefone, 920331;
Segunda-feira — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19, n.º 319 — Telefone, 920250;
Terça-feira — FARMÁCIA HIGIENE — Rua 19, n.º 393 — Telefone, 920320;
Quarta-feira — GRANDE FARMÁCIA — Rua 62, n.º 467 — Telefone, 920092;
Quinta-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA — Rua 19, n.º 46 — Telefone, 920352;
Sexta-feira — FARMÁCIA SANTOS — Rua 19, n.º 263 — Telefone 920331.

S. PEDRO

Hoje, sábado, 21, e amanhã, domingo, 22 — AMIGOS, com Sean Bury e Anicee Alvina — 13 anos.
Terça-feira, 24 — O ÚLTIMO TANGO EM PARIS, com Marlon Brando e Maria Schneider — 18 anos.
Quinta-feira, 26 — O PASSE DA MEIA NOITE, com James Caan e Marsha Mason — 18 anos.
Sexta-feira, 27 — A ENSANGUENTADA NOITE DE DRÁCULA, com Simon Andreu e Maribel Martin — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 21 e amanhã, domingo, 22 — OS DIFÍCEIS VINTE ANOS, com Otavia Piccolo e Rodolfo Baldini — 18 anos.
Segunda-feira, 23 — ZAPATA, com António Aguilár e Patrícia Azpillaga — 18 anos.
Terça-feira, 24 — A PRIMEIRA ENTREGA DE UMA MULHER CASADA, com Emma Penella e Glen Lee — 18 anos.
Quarta-feira, 25 — TARZAN E OS INÍMIGOS DA SELVA, com Mike Henry e Alizia Gur — 10 anos.
Quinta-feira, 26 — VEM AÍ OS CABE-LUDOS, com Dani e Michel Galabru — 18 anos.
Sexta-feira, 27 — O MEU NOME É NINGUÉM, com Terence Hill e Henry Fonda — 13 anos.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO:

Silvana Isabel, filha de Jorge Silvano Cardoso Fraga e de Maria Isabel Teixeira Cardoso Fraga;
Alberto Júlio, filho de Alberto Augusto Almeida Lemos Praça e de Maria José Conceição Relvas Praça;
Octávio Simeão, filho de Alvaro Fernandes de Oliveira e de Maria Angelina Moreira Coelho Oliveira;
Paulo Sérgio, filho de José Fausto Pereira Alves Ricardo e de Maria de Lurdes Rodrigues da Silva;
André, filho de Gui Alberto Correia da Costa Viseu e de Maria de Fátima Henriques da Silva Costa Viseu;
Joaquim Miguel, filho de António Ribeiro da Costa e de Maria Rosa Moreira da Costa.

CASAMENTOS

EM ESPINHO:

Luís Filipe Pinto Moreira de Sousa com Maria Eduarda Carvalho Soares Soares Ferreira de Sousa;

EM ANTA:

Eduardo de Oliveira Gomes com Fernanda da Rocha Teixeira Gomes;

EM PARAMOS:

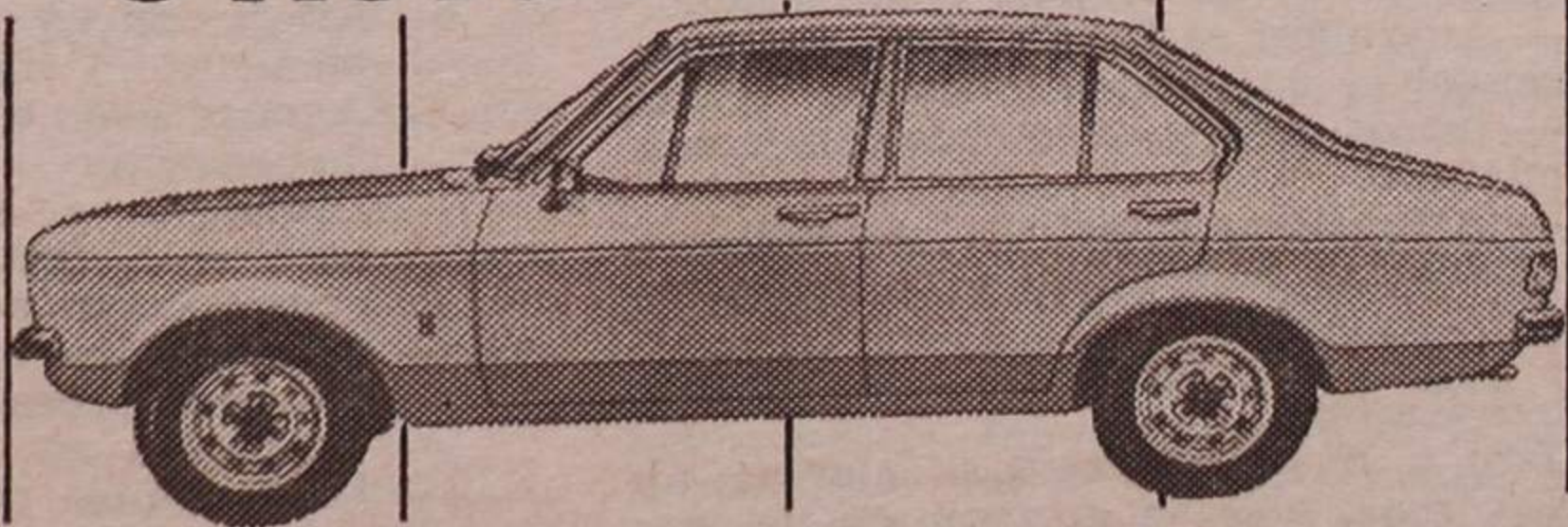
José dos Santos Ribeiro com Rosa Alves de Carvalho;
Fernando Alberto Pereira dos Santos com Rosa Dias Lopes.

EM RIOMEAO-FEIRA:

António Ferreira dos Santos com Maria de Lurdes Capela Guimarães Santos.

AUTO COMERCIAL OURO L.DA — S. JOÃO DA MADEIRA

APRESENTA
o Novo Ford Escort



4 metros 5 adultos

Venha conhecê-lo

AO NOSSO STAND DE EXPOSIÇÃO



AUXILIE

O

PATRONATO

DA

DIVINA

PROVIDÊNCIA

escola viva

PÁGINA MENSAL SOBRE EDUCAÇÃO

Apontamentos PARA OUTRA ESCOLA

A experiência obtida ao longo deste ano lectivo será, concerteza, fonte importante de meditação para levar a decisões que urgem com vista a uma autêntica reorganização do ensino. Provavelmente, muitos terão sido os trabalhadores do ensino que, colocados no centro da actual situação, têm reflectido sobre os problemas que se levantam no seu sector e estarão assim em condições de se pronunciar quanto a medidas a tomar. Nesta ordem de ideias, adiantam-se alguns pontos que talvez possam ser considerados entre as sugestões que têm aparecido, de muitas origens. São apresentados apenas em esboço, já que o seu desenvolvimento seria demasiado alongado.

Coordenadas gerais para a criação de uma nova escola:

Inserir a escola na luta mais geral por uma sociedade democrática e socialista, fornecendo-lhe os requisitos necessários a tal função.

Orientar a prática científica e cultural da escola segundo as perspectivas de uma ciência ao serviço do desenvolvimento harmónico da sociedade e uma cultura profundamente ligada ao que de mais rico tem a cultura do nosso povo e as culturas dos povos mais próximos do nosso ideal de sociedade.

Destruir rapidamente o muito que ainda resta do carácter essencialmente fechado e anquilosante da escola existente, abrindo-a à vida real de uma sociedade cujas contradições não podem ser ignoradas.

Caminhar em direcção ao objectivo importante de aliar o estudo à produção, recuperando para a escola a dignidade de local de trabalho e participante no esforço das forças produtivas.

Proceder a uma radical modificação de curriculum, programas, métodos, objectivos e processos de avaliação de conhecimentos, a definir de acordo com o fim último que a sociedade portuguesa se pro-

põe atingir: a eliminação da exploração do homem pelo homem.

Caminhar rapidamente no sentido da criação de uma escola de via única, com ofertas educacionais várias, a qual permitirá uma autêntica democratização do ensino.

Criar condições para uma activa participação de professores, alunos e empregados, na vida da escola.

Fortalecer a prática da gestão democrática, subordinada em última análise ao poder político.

Tornar a escola um autêntico centro de educação permanente e um polo dinamizador da cultura da comunidade que a rodeia.

Encarar a escola como uma via de libertação humana através da compreensão assumida de si próprio e da sociedade de que fazemos parte.

Reconhecer à escola amplas funções na educação cívica e moral, não no sentido de subordinar mecanicamente os sujeitos de educação à ideologia oficial, mas no sentido de lhe conceder o direito e o dever de formar indivíduos comprometidos com os destinos superiores da humanidade.

Reconhecer à comunidade, representada sobretudo através de sindicatos e associações democráticas de massas, o direito de contribuir para a definição da orientação da educação em geral e dos estabelecimentos de ensino em particular.

Atender, a curto prazo, a algumas prioridades. Ex.: modificação de programas, métodos e objectivos; necessidade de forçar uma alteração profunda na mentalidade de muitos professores e alunos, ligação mais íntima da escola com a vida geral da sociedade; libertar a escola da função de tudo ensinar; eliminar o valor absoluto do diploma; lutar contra a segregação social dentro da escola; tornar o ensino laico; redefinição de uma educação cívica.

A. S.

SERVIÇO CÍVICO A SÉRIO?

Desde que, em Novembro do ano passado, pela primeira vez veio a público a ideia da criação de um serviço cívico estudantil, grande foi a controvérsia que se desenrolou à volta do assunto.

Entretanto, surgiu finalmente o decreto-lei que determina a sua institucionalização e segundo o qual o Serviço Cívico Estudantil pretende:

«Assegurar aos estudantes uma mais adequada integração na sociedade portuguesa e um mais amplo contacto com os seus problemas, a par da melhor compreensão das necessidades e carências da população; garantir maior harmonização do conteúdo e prática do ensino com as condições concretas da vida nacional; contribuir para a combinação da educação pelo trabalho intelectual com a educação pelo trabalho manual e quebrar o isolamento da escola em relação à vida, da cidade em relação ao campo; possibilitar aos estudantes, em certa medida, uma avaliação das opções feitas e eventualmente despertar-lhes vocação e interesse por vias profissionais de mais imediato proveito para a colectividade; contribuir para a reconversão do sistema do ensino, fomentar o espírito de trabalho colectivo, incentivar a cooperação entre os estudantes e o povo trabalhador, preparar e assegurar a participação dos es-

tudantes nas tarefas de construção da democracia e do progresso do País; apoiar a criação de infraestruturas de que o País necessita; contribuir, na medida do possível, para melhorar as condições de vida das populações mais necessitadas, mediante a realização de tarefas urgentes que não possam ser garantidas pelo recurso ao mercado do trabalho».

Um amplo leque de tarefas que se propõem aos Servidores Cívicos. Não basta, porém, propô-las; necessário se torna garantir na prática a sua efectivação, criando a estrutura de apoio que possa dinamizar o processo. Mas a palavra fundamental pertence aos Servidores. E aqui começam as dúvidas? Quantos são os que estão pessoalmente interessados em desenvolver uma tarefa útil a si próprios e, sobretudo, à comunidade? Mais ou menos do que os oportunistas que se inscreveram no Serviço apenas por razões de interesse pessoal (substituição do serviço militar, acesso à Faculdade mais rápido, por exemplo), as quais, embora lógicas e com a sua razão de ser, não passam de oportunismo quando a elas não se alia o desejo profundo de fazer alguma coisa de útil durante esta paragem forçada nos seus estudos?

A. S.

EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL OU DE BASE - I

Parece-nos que o «processus» de democratização só é possível através dum esforço enorme de escolarização progressiva e de imediata e mais fácil acesso de todos à cultura.

Julgamos que esse esforço progressivo só é possível através da «Educação Fundamental ou de Base». É que o tipo de educação dos últimos tempos, sobretudo em regiões em vias de desenvolvimento (veja-se o esforço dos nossos responsáveis em quererem-nos aproximar do 3.º Mundo), não se dirige aos indivíduos, mas sim ao grupo social, às massas.

O problema educativo é o primeiro e mais eficaz meio de vencer o antagonismo das culturas, das ideologias. «Neste sentido é anterior e independente da solução dos problemas económicos e orçamentais do momento». (1)

Este esforço de escolarização implicará o estudo do conteúdo da escolaridade. Há que buscar um novo conteúdo que seja dirigido simultaneamente a adultos e menores que atenda às ambiências sócio-culturais, informado pelo abstracto antropológico, psicológico e sociológico das populações em contacto, que conjugue as «Culturas» tradicionais com as novas instituições duma democracia progressiva. Mais, o seu conteúdo terá de ter em atenção que a educação é um meio de elevação económica e social da Comunidade. Esse esforço de escolarização das crianças e dos adultos terá por fim transformar a comunidade, levando-a para evitar o conflito entre a acção do aluno que termina a escola e a vida tradicional que o vai receber.

Por outro lado, importa um esquema educativo cujo conteúdo corresponda, ao mesmo tempo às necessidades das classes rurais e às necessidades dos núcleos que nas cidades lutam por outros padrões de vida.

Só com um profundo conhecimento etnosociológico e cultural das diferentes comunidades em contacto, poderemos organizar um «Esquema Educacional» que seja a síntese das realidades ontológicas, como fruto da integração das diferentes variáveis as séries sócio-culturais).

Aliás, só se poderão chamar e elevar as camadas rurais a participar elas próprias em todas as actividades da Civilização de hoje, servida pelos recursos da técnica moderna, se elas tiverem uma educação adequada à Cultura que informe essa Civilização. A não ser assim, a facilidade com que juridicamente se permite a «passagem» duma «série cultural» para «outra», seria fonte de fenómenos de alternância pelo choque psicológico que representa a «passagem» da estrutura e costumes tradicionais para as que decorrem da vida moderna.

Desde que convenhamos que terá de ser um plano de escolarização abarcando todos os indivíduos, consistirá, simultaneamente, em «Educação Fundamental» ou «Educação de Base», Alfabetização das Massas e «Educação da Comunidade» e «Escolaridade Mínima Obrigatória». A educação será, assim, pluriforme em que a Escola e a Alfabetização serão simples acidentes.

Na educação de base o que mais se destaca é o aspecto sociológico e, por isso, o seu labor organiza-se em função dos grandes problemas do indivíduo e da sociedade; defender e conservar a saúde, melhorar as técnicas de trabalho, fazer da família uma instituição digna.

— Fazer com que as famílias melhorem a sua dieta alimentar.

— Conservar os recursos naturais e aproveitá-los para melhor exploração económica.

— Melhorar as técnicas antiquadas de trabalho.

— Abrir novas vias de comunicação.

— Acarinar as habilidades artísticas e desenvolver os valores positivos locais.

— Introduzir novas espécies agrícolas e pecuárias.

— Alfabetizar e instruir as mulheres nos problemas domésticos e da maternidade.

— Orientar e coordenar o auxílio dos serviços sociais.

Isto é, à medida que se elevam as massas, mais elas se aproximam da sua «existência autêntica».

Mas para isso:

— Faça-se um prévio estudo do meio, daquilo que os sociólogos chamam motivações.

— Não se imponha nada. Oriente-se.

(1) — A. J. Saraiva

Obtenha-se a adesão.

— Associe-se os programas de educação de base aos planos de desenvolvimento económico.

Serão necessárias equipas de total cobertura do território português, constituídas por:

- Chefe de Missão
- Médico (itinerante)
- Enfermeiro ou enfermeira
- Assistente social
- Psico-sociólogo
- Operador de cinema
- Monitor de agricultura (serviços agro-pecuários)
- Monitor gimnodesportivo
- Monitor de alfabetização
- Monitor artístico (orfeão, teatro, folclore, etc.)
- Outros elementos que se acharem necessários.

Organizem-se imediatamente estas equipas de promoção sócio-cultural. Como exames de abelhas fixem-se em determinada região humana, em cada aldeia, durante certo tempo (a quem sucederá outra equipa) obedecendo a um planeamento prévio esclarecido pelas mais modernas descobertas da Antropologia Sócio-Cultural, servidas pelas mais modernas técnicas de abordagem, de penetração.

Sendo estudantes, aproveite-se o «serviço cívico» e promovam-se «campos de trabalho». Esta mocidade, através da sua especialização de cada Faculdade, terá oportunidade de realizar os seus ideais, de provar que ainda podemos contar com ela. Que obra não realizariam em determinada região humana, com a sua alegria, a sua fé, a sua simpatia, o seu amor, o seu saber.

Sendo funcionários, sejam-se-lhe dados mais uns dias de férias que seriam aproveitadas em «trabalhos de campo» dentro das suas especialidades.

Engenheiros, veterinários, médicos, biólogos, pedagogos, economistas, analistas, enfermeiros, sabemos lá, todas as especialidades, no campo da técnica e da cultura, iriam provar, durante alguns dias todo o seu humanismo.

E como eles beneficiariam também! Sendo operários, permitam-se-lhe uns «Dias de Alegria no Trabalho» e promovam-se tantos «campos de trabalho» quantas as especialidades nesta região humana, neste lugar, nesta freguesia.

Sendo Senhoras, organizem-se «campos de trabalho», nas famílias, na Mulher. Equipas-células, senhoras de material de filmar, de projectar, de diapositivos, habilitadas para uma acção intensiva e formação de outras equipas-células.

Material necessário para o tipo de educação de base

- 1 «pick-up»
- 1 «jeep»
- 1 grupo electrogéneo ligeiro
- 1 aparelho de projectar
- 1 écran móvel
- 1 microfone
- 1 aparelho de rádio
- 1 gravador
- 1 amplificador
- 1 gira-discos
- 1 linógrafo
- 1 sala de aula desmontável
- material audio-visual
- Stock de remédios e vacinas
- Material gimnodesportivo
- material de «jardins de infância»
- Filmes de educação de base
- 1 episcopio
- Ver UNESCO; Congresso em Roma, 1962 — México.

Actividades

- Actividades gimnodesportivas
- Alfabetização
- Medicina e higiene
- Agricultura e pecuária
- Artesanato
- Discussão e autocritica
- Música e canto
- Conversação ao micro
- Alimentação
- Dramatizações (temas locais)
- Trabalhos de interesse público
- Ensino por equipas, por grupo, activo, concerto
- Cimeira e diálogo
- Jornal de parede
- «Primeiros socorros»
- Pediatria e educação sexual
- Noções de associações e cooperativas.

(Continua)

UMA CONVERSA

ESPINHO E A PRAIA

O problema da praia tem sido debatido diversas vezes nas páginas do nosso jornal, sendo do conhecimento geral a falta de areal e a consequente quase inexistência de praia na nossa cidade. Cida- de esta onde uma razoável parcela da população vive do turismo. Espinho é uma cidade turística e o seu principal polo de atracção é a praia, praia reduzida a me- nos de metade. As grandes zonas bal- neares das ruas 19 e 23 desapareceram. O mesmo quase aconteceu com a «Praia Azul», estando a «Praia da Seca» a di- minuir de área de ano para ano. Dos onze banheiros que exploravam a nossa praia, cinco perderam há mais ou menos anos as zonas que lhes tinham sido con- cedidas pela capitania do Douro. De sal- tentalhar que a maioria vivia exclusivamen- te desta fonte de rendimentos, vendo-se obrigadas, quando o conseguiram, a su- jetarem-se a qualquer emprego afim de subsistirem. Por outro lado um grande número de pessoas que trabalhavam para estes banheiros vêem-se dum momento para o outro lançadas no desemprego. Pa- ralelamente o comércio local poderá ser afectado por uma possível redução de vi- sitantes na época balnear, principalmente nos meses de Julho e Agosto.

O problema de Espinho e o turismo já foi tratado nas nossas páginas, tentan- do-se tirar conclusões e, principalmente, despertar a população para a realidade que a circunda. Não vamos por isso anali- sar de novo o problema, mas sim, abor- darmos muito concretamente o problema da praia e da aproximação da época bal- near. Como já foi noticiado pela «DEFE- SA DE ESPINHO», os banheiros reuni- ram-se, constituindo uma cooperativa.

A criação desta cooperativa e a so- lução do problema económico dos banhei- ros, dificuldades na sua formação, seus objectivos e zonas com areal a explorar, a segurança nas praias, métodos actuais e dificuldades, a defesa da praia, estádio das obras da defesa da praia e perspecti- vas futuras são problemas que vamos tentar abordar em conjunto com pessoas directamente ligadas a estes assuntos, sem tentarmos cair na exaustão ou em discussão teóricas, de difícil compreensão para o público em geral. Tentamos pelo contrário informar as pessoas, dar-lhes bases para reflexão, para discussão, para que em conjunto resolvam os seus pro- blemas. Para isso fomos falar com Flo- riano Vale (F. V.), um funcionário das obras da defesa da nossa praia, com Fer- nando Neto (F. N.), um representante da referida cooperativa de banheiros, e com Gilberto Damas (G. D.) um nadador-sal- vador.

«D. E.» — É do conhecimento geral que a crescente escassez de areal lançou os banheiros de Espinho numa situação económica precária. Terá sido este o mó- bil da criação da cooperativa?

F. N. — Exacto. Dos onze banheiros com concessão nas nossas praias, cinco tinham já perdido há uns anos as suas zonas, encontrando-se os outros seis em situação difícil vendo diminuir de dia para dia o areal. Por conseguinte, o se- nhor comandante da capitania do Porto, lançou-nos a ideia, antes que tivesse de conceder as zonas balneares aos banhei- ros em exercício, afim de tentar solucio- nar um problema que já se arrastava há uns tempos. De salientar que ao longo do processo de formação da cooperativa te- mos recebido todo o seu apoio, lamentan- do que ele tenha de abandonar o cargo já que foi chamado para ocupar outra posição. É claro, que não estamos face a um facto consumado. Este ano funcionará deste modo, para o ano ver-se-á. É uma situação experimental, não podendo para já pensar-se em grandes projectos. O que pretendemos paralelamente ao facto de solucionarmos o problema específico da nossa profissão, é servirmos o melhor pos- sível os turistas e a população local que pensam frequentar as nossas praias. Não nos vamos limitar à colocação de bar- racas, mas tentar melhorar dentro das possíveis condições existentes e transfor- mar num local agradável e pouco de praia que temos à nossa disposição.

«D. E.» — Mas, quanto ao processo de formação da cooperativa, existiram contrariedades, isto é, houve quem se levantasse contra este facto, causando problemas?

F. N. — É claro que haviam zonas de maior areal que colocavam os seus con- cessionários numa posição privilegiada, não muito interessadas em perdê-la. Com

a ajuda do senhor comandante da capi- tania e com uma mudança de opinião destas pessoas, o nosso projecto avançou e actualmente estamos a trabalhar em ambiente de perfeita cooperação.

«D. E.» — Estará assim solucionado o problema económico dos banheiros?

F. N. — Cada um oferece o seu tra- balho, a sua capacidade estando a coo- perativa a tornar-se uma realidade. To- dos têm trabalho. Todos ganham. O pro- blema está resolvido.

«D. E.» — E quanto à exploração da nossa praia, que zona ou zonas vai a cooperativa utilizar?

F. N. — A zona a explorar será a partir da piscina até 200 metros além do Rio Largo. Temos tido toda a cola- boração da Comissão Administrativa da Câmara, que nos está a facilitar os aces- sis ao pontão feito por nós, sobre o «Rio Largo», para que os carros possam atra- vessá-lo. Pena será não se fazer um des- vio do curso do «Rio Largo», que é bas- tante incomodativo pelo seu mau cheiro e pelo seu carácter anti-higiénico.

Estamos a pensar na possibilidade da colocação de chuveiros em toda a zona e na construção de sanitários, não sabendo ainda se o poderemos fazer.

«D. E.» — Interrompemos aqui para salientarmos a importância da construção de sanitários e a própria introdução de chuveiros que nos parecem da máxima importância. Mas quando o senhor Neto nos fala em poder ou não levar essa iniciativa avante. Quais as razões?

F. N. — Sabe, começamos há pouco tempo, o trabalho é muito, e apesar de toda a colaboração da Câmara, não lhe é possível, para já, avançar com esta ideia. Por nossa parte vamos ver o que podemos fazer, mas parece-nos bastante difícil. O problema dos chuveiros é mais fácil e, apesar de não podermos colocar a quantidade ideal, vamos tentar resolver a questão da melhor maneira, ten- tando cobrir a nossa zona.

F. V. — Se me permitem, e quanto à questão dos sanitários, gostaria de saber se não seria possível a construção de um ou dois, provisórios, principalmente depois do «Rio Largo»?

F. N. — Actualmente possuímos dois sanitários, um na «Praia Azul» e outro no restaurante «Cabana». Quanto à hipó- tese do senhor Vale, como já disse, pen- samos em todas as soluções, não nos pa- recendo esta muito viável, mas não está resolvido nada de definitivo.

«D. E.» — A zona a explorar será a que o senhor indicou. Mas existe areal a partir da rua 23 até à capela de São Pedro. Quais as razões para não abar- carem também esta área?

F. N. — Em primeiro lugar a con- centração dos nossos esforços num só local fará com que o trabalho seja mais eficiente. Em segundo é aqui que as pes- soas afluem em maior número. Em ter- ceiro a zona que mencionou ficará reser- vada para os particulares e a nossa para barracas. Evitam-se assim situações de- sagradáveis, de atropelos, ficando bem demarcados os locais para onde podem ir os guarda-sois, os particulares. É que, há pessoas que se julgam no direito de ocu- par a praia a seu bel-prazer, sem aten- tar a que nós, os profissionais, também temos direito a certas áreas da praia. É claro que a zona reservada aos particu- lares não tem vigilância.

G. D. — Apesar de que os nadado- res-salvadores dos bombeiros se prontifi- caram a percorrer o mar com um barco, tentando evitar aí possíveis acidentes.

«D. E.» — Abordaram o problema da segurança das praias, questão que nos interessa esclarecer. A afirmação do Da- mas levanta-me uma dúvida, isto é, a quem está entregue a vigilância da praia, a nadadores salvadores particulares ou a corpos dos Bombeiros Voluntários locais?

F. N. — A Capitania do Douro não permite este ano que os Bombeiros exer- çam essa função. Por isso, os nadadores salvadores são empregados da coopera- tiva. Excepcionalmente, vamos abrir a época balnear em 15 de Junho, não por

razões económicas, já que a afluência é pouca, mas para garantir aos que a fre- quentem uma segurança eficaz. Como o movimento é diminuto teremos ao serviço somente um indivíduo. Nos meses de Ju- lho e Agosto contamos com a presença simultânea de dois nadadores e um vigia, podendo reforçar-se o efectivo se o mês de Agosto tiver grande afluência de vera- neantes. Quanto a material possuímos dois barcos.

J. D. — Oferecendo-se os bombeiros para nos ajudarem com material humano e técnico nos fins-de-semana. As suas fun- ções a partir deste ano, como disse o senhor Neto, serão ocasionais, permitindo a Capitania que os seus serviços sejam gratuitos.

«D. E.» — E quanto a dificuldades com o público que me poderão dizer sobre o assunto?

J. D. — O público em geral não le- vanta problemas, mas existem sempre os mais rebeldes que desobedecem às regras, tomando banho com o mar perigoso, sem respeitar os intervalos para a digestão, etc. Tentamos delicadamente chamar o público à realidade, mas a nossa auto- ridade é limitada.

F. N. — A polícia marítima possui apenas 2 elementos para as praias de Espinho e Esmoriz o que torna a sua eficácia quase nula. Vamos tentar resolver o problema, começando por demarcar com tabuletas zonas de banho e zonas perigosas que variarão consoante as ma- réis e o estado do mar. Estamos também a pensar, não devendo ser para este ano, mergulhar no mar uns cordões que per- mitissem o banho em dias de mar menos favorável.

«D. E.» — Após termos abordado em termos gerais o problema dos banheiros e a segurança nas praias, uma questão interligada é a da defesa da praia. Gos- taria que o senhor Vale me dissesse qual o estádio de desenvolvimento das obras?

F. V. — As obras têm-se resumido na colocação de enrocamentos nos pontos mais afectados durante o último Inverno, afim de evitar que haja paredes frontais onde o mar venha bater provocando mais estragos, mais açoreamento do que já existe, isto é, são obras pequenas, paralelamente a algumas reparações de impor- tância mínima. Quanto a obras de maior envergadura, a planos futuros, não estão sob o meu alcance, esperando-se que o Ministério do Equipamento Social e do Ambiente, que já está alertado para o assunto, apresente novas dotações afim de solucionar o problema, através da Di- recção Geral de Portos.

«D. E.» — Mas a sua experiência pode permitir-lhe apontar soluções, sabendo-se de antemão que nada depende da sua vontade pessoal.

F. V. — Desde que se deixou de fazer a extracção de areias a sul de Espinho, isto é, a sul do Bairro dos Pescadores te- nho notado que esta praia tem cada vez mais areia, e se conseguirmos sustar esse sorvedouro de areia que há aí, poderá ser a Norte que se possa encher os vazios que o mar fez. Se não se tem permitido a extracção que se realizou no sul, Espinho talvez não se debatesse com esta ca- rência.


«D. E.» — Mas parece-lhe que é uma questão sem resolução?

F. V. — De maneira nenhuma. O pro- blema tem-se resolvido noutros locais, como por exemplo, no Algarve onde se fez um povoamento de areias, já para não apontar os casos de Copacabana e de Guanabara, sendo, no entanto, uma solu- ção muito custosa. Todos estes pontos para serem resolvidos dependem de vários ministérios, da conjuntura política, da educação do nosso país.

Falando do concreto, a minha experi- ência de 5 anos de trabalho em Espinho neste campo, permite-me apontar hipóte- ses. Por exemplo, sou da opinião que antes do início da época balnear, a capita- nia, os bombeiros ou qualquer outra enti- dade, poderia, dentro das possibilidades existentes, dar um arranjo com um trac- tor ao areal, encher covas mais profundas a fim de dar comodidade aos milhares de pessoas que cá vêm, pois no fim de con- tas tudo isto é para bem de Espinho, uma cidade que se pretende desenvolvida, vira- da para o futuro. Outro caso é o da defesa da Piscina até à rotunda frente ao «Cabana», bastante precária, que tem re- sultado porque esta zona está afastada das áreas de rebentamento.

Gostaria também de alvitrar, apesar de estar fora do meu âmbito, o problema do trânsito na Avenida 4 e no prolonga- mento da Avenida 8, que durante o verão é bastante movimentado, agravado por certos indivíduos sem o mínimo de civi- smo que põem em perigo a vida das pes- soas, em particular, das crianças. Seria importante que o jornal local focasse este assunto, alertando a população e as enti- dades competentes.

Alertar a população, dinamizá-la, in- tervindo activamente nos problemas lo- cais é o nosso objectivo. Objectivo que motivou esta conversa. Uma conversa sobre a praia, que poderá ser amanhã sobre outro assunto, desde que, deste modo, possamos contribuir para um escla- recimento e uma dinamização das pessoas.



O máximo em qualidade!
Do melhor em apresentação!

O bom gosto e eficiência, são atributos do relógio «CAMY», a mais preciosa das jóias

Está na hora de acertar: compre «CAMY!»

SNACK BAR **S. PEDRO**

Aberto toda a noite com cozi- nha permanente

RESIDENCIAL PORTO

1.ª Classe

Telefones 920294 - 920391 - Angulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 364-1.º Dto. - Tel. 921024

EXPLICAÇÕES

Ensino Liceal ou Técnico

(Disciplinas de Ciências)

Telefone 922432

RASCUNHOS

Num vespertino lisboeta li uma carta enviada por um leitor que se queixava de ter sido vítima de variados roubos, cuja discriminação dá a entender tratar-se de pessoa de rendimentos acima dos do português médio. Entre as palavras do seu queixume, incluía a acusação, não fundamentada, de que os larápios seriam jovens, o que mereceu até um comentário irónico e cáustico da parte do jornal que deu essa carta à estampa.

É vulgar, nos nossos tempos mais que em quaisquer outros de ontem, «bater» desalmadamente na juventude, «que não sabe o que quer», atribuindo-lhe todos os vícios e todos os defeitos. Para os velhos ou menos idosos (como costumam dizer os que teimam em não arrancar a folha do calendário) os novos são todos uns «safardanas», que não querem trabalhar e só gostam de andar à boa vida.

Isto fez-me lembrar uma história passada com o pai de um fulano bastante conhecido em Espinho, e não resisto à tentação de a contar, para que os leitores tirem as conclusões que muito bem entenderem.

O tal fulano era rapazote, a quem

o pai tentava dominar completamente, não o deixando pôr o pé em ramo verde. A fervura do sangue novo não o deixava de aproveitar todas as oportunidades para entrar na sua borquinha, para o que tinha que obter prévia autorização paterna, quando não «chovia» pela medida grande.

O pai, que era tão bom «ponto» como o é o filho, não gostava nada desses pedidos e, quando o «reben-to» o abordava para as suas escapadelas, tinha, invariavelmente este desabafo: «Ora o fedelho! Ainda anda com as cuecas sujas e já quer andar sempre no liró! Fora, fedelho!».

Mas sucedia que, com muita frequência, o pai dava ordens ao filho para fazer isto ou aquilo e o rapaz nem sempre acatava estas ordens de trabalho com muito boa cara, embora não tivesse outro remédio senão obedecer ao patriarca. E então o pai, também invariavelmente como no caso anterior, desabafava assim: «Isto é que é um marmanjo! Já cheio de corpo, um homem, e não quer fazer a ponta dum chavelho! Fora, marmanjo!».

C. P. M.

Concurso «D. E.»

A leitora vencedora do nosso Concurso do n.º 2253 foi ROSA MARIA CORREIA DE OLIVEIRA, moradora na Rua 28, n.º 591 - 3.º - Espinho. Tem esta leitora à sua disposição na nossa Redacção a partir de hoje um disco com música de Mozart, que era, de facto, o autor das «Bodas de Figaro» e da «Flauta Mágica».

E vamos ao Concurso da Semana:

Na fotografia junta, figura um insigne físico e matemático do nosso século. De origem alemã, mais tarde naturalizado americano, notabilizou-se pelos seus estudos sobre a teoria quântica e, sobretudo, pela teoria da relatividade, que veio revolucionar o mundo científico da época.

Ao leitor vencedor oferecemos um «poster» alusivo à pessoa em questão.



A "Defesa" precisa de mais assinantes

VENDE-SE

APARTAMENTO

com 3 quartos, 2 quartos de banho, sala comum, garagem, etc.
Rua 25 n.º 679 — ESPINHO

Falar na
Rua 7 n.º 475 — 2.º — Telef. 920385

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes, eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
Residência — Telef. 964194

ESPAÇO INFANTIL

Olá miúdos!

Como estão a ver a partir de hoje há também um cantinho para vocês neste jornal. Vamos ser nós, a «malta» do «Espaço Infantil» (lembram-se das tardes no parque, durante o Verão?) que vamos preencher este cantinho. Quer dizer, não vamos ser só nós, porque nós queremos a vossa colaboração. Como é que vocês nos podem ajudar? É muito simples: escrevem cá para o jornal a dar ideias, a dizer as coisas que vocês gostariam de ver aqui no jornal, está bem?

Para hoje nós resolvemos contar-vos uma história. É a história duma menina que vai visitar o mundo na companhia dum seu amigo. E a menina descobre é uma coisa muito grande; que o mundo não é só a mãe e o pai e os tios e o amiguinho, e descobre também que no mundo nem todos os meninos têm um jardim como o dela...

Bem, aqui vai a história.

Ades e não se esqueçam de escrever, sim?

História da Maria dos olhos grandes e do Zé Pimpão

Maria-dos-olhos-grandes tinha uns olhos grandes, grandes que pareciam azeitonas. Maria-dos-olhos-grandes tinha uns olhos de ver Mundo.

Maria tinha umas tranças pequeninas, bem espetadas, pareciam duas antenas. Maria tinha umas tranças bem espetadas, de ver Mundo.

Maria tinha um vestido que era de todas as cores, mas uma de cada vez. Maria tinha um vestido com todas as cores do mundo.

Maria tinha um amigo muito giro, muito vivo, moço da rua e da gente, era um amigo a valer. Maria tinha um amigo, chamava-se Zé Pimpão.

Zé Pimpão era um miúdo de olhos piscos, guedelhudo.

Zé Pimpão sabia o mundo. Zé Pimpão tinha nos olhos a cor do sol e do mar.

Zé Pimpão tinha nos pés uns pés grandes e descalços. Zé Pimpão com os pés nus sentia melhor a rua.

Numa manhã quente quente, com o sol bem descarado, com um sol de passear, assobiou Zé Pimpão para apressar a Maria. Maria veio, deu-lhe a mão foram-se os dois a cantar.

Zé Pimpão levou Maria ver o mundo muito longe.

Zé Pimpão levou Maria a ver os dois lados do mundo.

Maria-dos-olhos-grandes não podia acreditar que o mundo era assim. Maria-dos-olhos-grandes julgava que o mundo era só o seu jardim.

Zé Pimpão estava contente.

Mas não sabia Maria que depois do seu jardim...

Mas não sabia Maria que o mundo era muita gente?

Maria-dos-olhos-grandes pensava que o mundo a sério era a tia Joaquina, era o

tio Salustrião, era o pai, era a mãe mais o primo pequenino e é claro o Zé Pimpão.

Marias-dos-olhos-grandes via o mundo pequenino.

E o Zé Pimpão mais sizado mostrou então à Maria, que num dos lados do mundo havia prédios bem altos e mais jardins floridos, muita luz e muitas cores.

Zé Pimpão levou Maria do lado de cá do Mundo.

Foram saltitando sobre as pedrinhas na lama, vendo cortinas-jornais, telhados de papelão e miúdos reinados amigos do Zé Pimpão que nunca olharam o céu, pois vêem o sol... nos charcos, pois vêem o sol no chão.

Com uns olhos tristes, tristes, Zé Pimpão levou Maria do lado de lá do mundo, do lado que não se vê, onde há barracas escuras feitas nem sabe de quê e miúdos a chorar, e onde os brinquedos são pedras e a lama... são os jardins.

Zé Pimpão levou Maria do lado de lá do mundo.

Maria viu e reviu um mundo novo tão velho que precisa de aprender, que precisa que os meninos o ensinem a crescer.

Para fazer um mundo novo, um mundo velho... tão novo.

Quando voltaram à noite Maria-dos-olhos-grandes, com uns olhos de ver mundo, trazia o mundo nos olhos para dizer ao Zé Pimpão:

Zé Pimpão... vamos fazer que haja um só lado do mundo; ou só o lado de cá ou só o lado de lá.

Zé Pimpão... eu queria o mundo com todos do mesmo lado. Se não há jardins para todos, vou dividir os canteiros. Se os canteiros não chegarem, uma flor para cada um e se as flores forem poucas, há pétalas... enfim, há cheiro... mas todos terão igual.

Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho

Tudo para Fotografia e Cinema

RETRATOS
RELOJOARIA

Rua 8 N.º 645

ESPINHO

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as feiras com hora marcada

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consultas todas as 3.ªs-feiras a

partir das 14 horas, na Policlínica

do Dr. Miranda Valente —

Rua 31 n.º 321 — Espinho — Tele-

fone 920689, p. f. marcar consulta.

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16

às 19 horas

Dr. Cerqueira Fernandes

Solicitador

Rua 26 n.º 335 (ângulo da Rua 11)

Telef. 921423 — ESPINHO

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805

Rua 11-877

ESPINHO

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 5 de Junho de 1975, lavrada de folhas 19 a 22 do livro de notas para escrituras diversas A-Número 41 deste cartório notarial de Espinho, DOMINGOS DA SILVA E SA, ANA GUEDES PEREIRA, casados, e FERNANDO PEREIRA DA SILVA E SA, solteiro, maior, todos residentes no lugar de Espinho, freguesia de São Félix da Marinha, concelho de Vila Nova de Gaia, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «DOMINGOS DA SILVA E SA, LIMITADA», durará por tempo indeterminado e tem a sua sede e estabelecimento nesta cidade, na rua trinta, número 523, com início a partir de um de Junho corrente.

Segundo — O seu objecto é a execução e comercialização de trabalhos de construção civil em terrenos alheios ou em terrenos próprios para tal fim adquiridos, podendo ainda dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios deliberem por simples maioria dos votos correspondentes ao capital e não sejam proibidos por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 400 000\$00 e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de 350 000\$00, pertencente ao sócio Domingos da Silva e Sá e duas quotas iguais de 25 000\$000 pertencendo uma a cada um dos sócios Ana Guedes Pereira e Fernando Pereira da Silva e Sá.

Quarto — Aos sócios poderão ser exigidas prestações suplementares de capital e poderão os mesmos sócios fazer à sociedade os suprimentos de que esta carecer, umas e outras nas condições que a sociedade deliberar.

Quinto — A gerência, dispensada de caução, pertence a todos os sócios.

Parágrafo primeiro — Nos actos de mero expediente a sociedade poderá ser representada por qualquer dos gerentes. Nos documentos que impliquem responsabilidades para a sociedade é indispensável e suficiente a assinatura do sócio Domingos da Silva e Sá ou no caso de doença que o impossibilite de exercer a gerência, a sociedade ficará obrigada mediante a assinatura de dois quaisquer dos outros gerentes. O mesmo se observará nos actos e contratos entre a sociedade e o sócio Domingos da Silva e Sá.

Parágrafo segundo — Nos poderes de gerência compreender-se-á a faculdade de comprar, trocar e vender viaturas automóveis no interesse da sociedade, tomar de arrendamento para a sociedade quaisquer locais e negociar as respectivas cláusulas e confessar, desistir ou transigir em juízo.

Parágrafo terceiro — O gerente Domingos da Silva e Sá poderá livremente fazer-se substituir na gerência, com os poderes que lhe são inerentes, mesmo por pessoas estranhas à sociedade e mediante procuração bastante.

Sexto — A sociedade poderá constituir mandatários comerciais para os efeitos do disposto no artigo duzentos cinquenta e seis do Código Comercial.

Sétimo — Entre sócios, assim como em favor de cônjuges ou parentes, em linha recta, dos sócios é livre a cessão de quotas, no todo ou em parte, ficando também dispensado o consentimento especial da sociedade para as divisões para tanto necessárias. As cessões a estranhos dependerão do consentimento do sócio Domingos da Silva e Sá e da sociedade, mas esta também poderá usar dos direitos de opção ou amortização pelo valor referido no parágrafo primeiro do artigo oitavo, devendo todavia e sob pena de caducidade desses direitos, exercê-los no prazo de trinta dias a partir daquele em que for notificada, por carta registada, com aviso de recepção, dos elementos essenciais da projectada cessão.

Oitavo — É também permitida a amortização de quotas no caso de morte ou interdição de qualquer sócio e quando se verificar a venda forçada da quota, devendo a deliberação sobre a amortização ser tomada no prazo de trinta dias a contar daquele em que a sociedade tiver conhecimento de qualquer daqueles factos.

Parágrafo primeiro — O valor da quota para efeitos de amortização será o que resultar do último balanço aprovado.

Parágrafo segundo — O pagamento do valor da amortização e dos demais valores correspondentes à quota amortizada será efectuado em três prestações anuais, iguais e sucessivas com vencimento no dia um de Abril do ano seguinte àquele em que se verificar o facto que deu causa à amortização.

Nono — Enquanto qualquer quota se mantiver indivisa, os seus diversos proprietários ou os diversos participantes no património em que ela estiver integrada designarão um entre si que a todos represente na sociedade.

Décimo — Salvo nos casos em que a lei exija outras formalidades as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, enviadas aos sócios com, pelo menos, oito dias de antecedência.

Décimo primeiro — Dos lucros líquidos apurados anualmente serão retirados cinco por cento para o fundo de reserva legal, até à sua formação e sempre que seja preciso reintegrá-lo. A sociedade poderá ainda criar outros fundos desde que para a formação destes não retire dos lucros líquidos importâncias que excedam a percentagem de mais vinte por cento além das necessárias à criação e reintegração do primeiro.

Décimo segundo — A sociedade poderá dissolver-se por simples vontade do sócio Domingos da Silva e Sá. — De igual modo, ficando a sociedade reduzida apenas a dois sócios, poderá operar-se a sua dissolução por vontade de qualquer deles.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 6 de Junho de 1975.

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico que neste cartório e no livro B-QUARENTA E UM de folhas 6, verso, a folhas 7, se acha exarada com data de hoje uma escritura de HABILITAÇÃO DE HERDEIROS por óbito de CARLOS RUI EDMOND REIS DA SILVA, falecido em 2 de Junho corrente, na freguesia de Miragaia, concelho do Porto, solteiro, maior, natural de Espinho, onde foi residente na rua 16, 458.

Que como herdeiro lhe sucedeu seu pai, CARLOS EDMOND GOMES DA SILVA, viúvo, natural da Vitória, Porto, morador em Espinho, rua 16, 458.

Está conforme.

Espinho, 17 de Junho de 1975.

A Notária
Maria Fernanda de Vasconcellos de Aguiar da Fonseca e Castro

GRANDE

CASINO DE ESPINHO

Telefone 92 02 38

Onde o Norte se diverte

No Salão de Festas-Restaurante (maiores de 14 anos)
TODAS AS NOITES A PARTIR DAS 22 HORAS

JANTARES-CONCERTO E MÚSICA DE BAILE
PELOS CONJUNTOS

JOSÉ QUELHAS
PROMOTION MUSICAL 6
TONY SAMPAIO

Aos domingos

MATINES DANÇANTES A PARTIR DAS 16 HORAS COM A
COLABORAÇÃO DOS MESMOS CONJUNTOS

Diariamente
grandioso show

THE LONDON BALLET
(BAILARINAS INGLESA)
KARINA Y ACERO
(BAILARINOS ACROBATICOS)
MARIETE PESSANHA
(CANÇONETISTA)

Na boite

(Maiores de 21 anos)

JANTARES-CONCERTO, TODOS OS DIAS, A PARTIR DAS 20 HORAS
SEGUIDOS DE
VARIEDADES E BAILE PELOS REFERIDOS
CONJUNTOS E SHOW

Sala de Jogos e

SLOT-MACHINES a partir das 15 horas

Aberto de 1 de Junho a 30 de Novembro

FÁBRICA

HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA

MATÉRIAS
PLÁSTICAS

(Injecção — Compressão — Extorsão)
(Insuflação — Rotação — Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921096

APARTADO: 40

ESPINHO

"HERCULES"

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

A DEFESA precisa
de mais assinantes

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º

Telefone 921014 — ESPINHO

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º

Telefone 33868 — PORTO

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218

ESPINHO

Segurança para o seu dinheiro,
tranquilidade para si!

**UM
NOVO
SERVIÇO
BPA**

**cofres
nocturnos
e diurnos**

Nas 24 horas do dia e nos 7 dias da semana
estamos abertos para receber os seus depósitos.
Agora com um sistema inédito em Portugal.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
oferece-lhe a tranquilidade
de saber que fica em segurança o produto de um dia de trabalho.

Terreno compra-se

1.000 a 2.000 m²
Espinho ou arredores
Resposta pelo telefone 921102
excepto aos Sábados

Estabelecimento

Aluga-se ou vende-se no ângulo das
Ruas 30 e 15, com cave, dois sani-
tários e mais um compartimento
para escritório ou quarto de dormir.
Informa na Rua 14 n.º 623 ou pelos
Telefones 921104 ou 920013

VENDE-SE

CASA em ESPINHO
Res-do-chão e 1.º andar
Na Rua 16 entre as ruas 15 e 62
Falar a José Oliveira - Telef. 920093

ANDAR

Vende-se em prédio novo com qua-
tro assoalhados, quarto de arrumos,
dois quartos de banho, cozinha
com móveis e garagem
Rua 25 n.º 637-1.º Espinho
Isento de Sisa. Trata pelo Tele-
fone 920 502 das 9 às 19 horas

VENDA DE TERRENO

Na Rua 4 e 35 (Esquina) virado ao Sul defronte do Pavilhão do Sporting,
podendo construir nove apartamentos já com o devido estudo
com a área total de 408 m²

Falar c/ Arq.to Jerónimo Reis ou Manuel Salgueiro


RESIDÊNCIA
1.ª CLASSE
* * * *
GIRASSOL
RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE
TELEFONE 2 7 3 9 3
MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS À MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA À BRASILEIRA

MARMORES E GRANITOS
MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lirio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

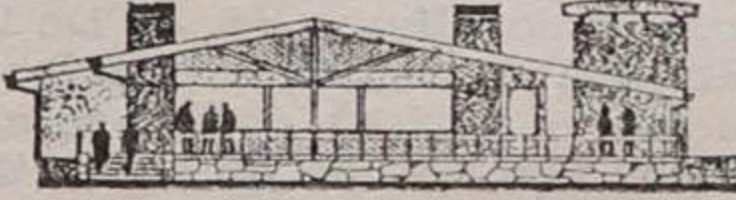
PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o
género de Pintura Artística, Móveis de
Adorno e todo o género de objectos
de decoração.

Armando Alves Ribeiro

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943 — **ESPINHO** — Telefone, 921412


Restaurante 9 | 9
Snack — Discoteca 2 | 2
1 | 1
CABANA 3 | 9
2 | 6
2 | 6

TEL. SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO espe-
cial para Baptizados, Casamentos e
Confraternizações.
Na Discoteca
Aos Sábados à Noite
Aos domingos — **Matinée**
Encerrado à terça-feira para descanso
do pessoal

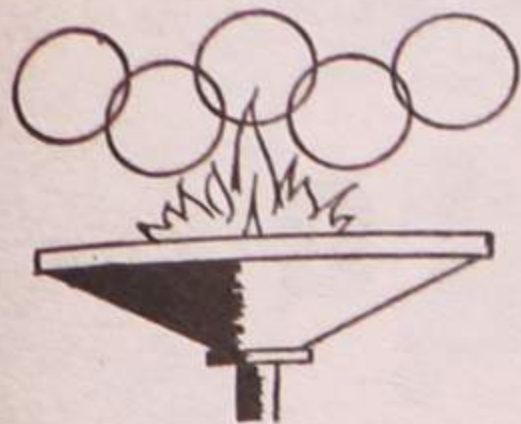
VENDEM-SE EM ESPINHO

Prédio no ângulo das ruas 14 e 35 (com 2 habitações e águas furtadas, arma-
zém, garagem e terreno para outra construção)
Prédio na rua 19 e frente para a rua 21 (com três pavimentos, onde está insta-
lada a casa Sobral)
Dois talhões de terrenos para construção na zona do Colégio Feminino de Espi-
nho na Rua 33
Terreno com 19 m. de frente na rua 66 entre as ruas 7 e 9
Informa P. F. Joaquim J. M. Ribeiro — Rua 19 N.º 192 Sala C-1.º — ESPINHO
Telefone 920058

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469
Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA
BOSCH — KREFFT — ARISTON
RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA
INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS CANALIZAÇÕES
CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00
CASSETES COM MÚSICA 60\$00
TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS
MÓVEIS ● ALCATIFAS
PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA



desporto



FESTIVAL

VOLEIBOL

CAMPEONATO NACIONAL DE INICIADOS

Esmoriz, 3—AAE, 0
Lamego, 2—AAE, 3

AAE — Rogério, Maltez, Jorge, Toni, Orlando, Fidalgo, Lacerda, Ricardo, Duarte, Rui, Peixoto e Albino.

Foi pena que, frente ao Esmoriz, os «miúdos» da Académica se mostrassem tão nervosos e praticamente perdessem todas as hipóteses de conquistar o título nacional, já que ção a melhor equipa e o adversário estava perfeitamente ao seu alcance, tendo a prová-lo os jogos anteriormente realizados entre ambos.

CAMPEONATO NACIONAL DE JUVENIS

Madalena, 3—AAE, 0
Lamego, 0—AAE, 3

AAE — Serrano, Pinto, Paulino, Paupério, Manecas, Baptista, Fidalgo, Chico, C. Rui, Barra e Casimiro.

Apesar da derrotada mais uma vez pela Madalena, a AAE realizou um bom jogo e mantém-se em 2.º lugar no nacional.

TORNEIO DE VETERANOS

Porto, 3—AAE, 0

AAE — Nuno, Sárria, José António, A. Alves, Natário, Beleza, M. Ribeiro e Benjamim.

HÓQUEI EM PATINS

CAMPEONATO NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

AAE, 1—Valongo, 2
AAE, 6—Oeiras, 1
AAE, 1—Salesiana, 4

AAE — Vítor, Miro, Manuel José (2), R. Lacerda (2), Alfredo (3), Alcino (1), Martins e Diamantino.

CAMPEONATO REGIONAL DE JUVENIS

Rio Tinto, 1—AAE, 3

AAE — Esmael, Padrão, Reis, Quim (1), Rocha (2) e Sousa.

CAMPEONATO REGIONAL DE INFANTIS

Porto, 1 — AAE (A), 4

AAE — Vítor, Silva, Sousa, Vítor Hugo (2), Gabriel (2), Marçal, Salvador e Edgar.

Vitória magnífica que vem confirmar a superioridade da AAE e consagra-la quase definitivamente como campeã Regional.

Pacense, 13—AAE (B), 1

AAE — Morgado, Faria, Sá, Lima, Toni, Valdemar (1), Neto e Guedes.

—«Uma autêntica desordem..., já nem há respeito.
Completa anarquia.»

FESTIVAL — Ponto de partida,
Ponto de encontro.

FESTIVAL — O que pretendeu ser, o que não foi porque...

Passamos pelas coisas sem as ver
Gastos como animais envelhecidos;
Se alguém chama por nós não respon-

Se alguém nos pede amor não estreme-

Como fruto de sombra sem sabor
Vamos caindo no chão, apodrecidos, (1)

Chamo-me Luís
tenho 19 anos
se fosse criança
pedir-vos-ia
para tentarem compreender...
Pedir-vos-ia para lerem...

E, mais ainda (o mais difícil)
para tentarem o que pouco (ou nunca)
foram outrora
...crianças...

E então,
só então, me julgarem

Alguém comentou no fim do festival:
«—Uma autêntica desordem, já nem há

respeito... Completa anarquia.

Que chaticel! Foi quase sempre a mesma coisa...».

Porque não compreendemos que a festa não é de adultos, mas sim de crianças que a oferecem aos adultos. Porque não compreendemos que as crianças nos proporcionaram verdadeiras autenticidades, em que elas foram elas mesmas, coisas que nós, adultos, já não conseguimos fazer. Situação riquíssima para analisar o que há de belo no ver alguém que quer ser ele próprio, não aceitando conceitos de ordem de quem as não compreende, de quem sente a necessidade de condicionar o seu comportamento, em função de críticas que futuramente poderá receber. — Queremos ser nós, não obstante os adultos.

Há uma verdadeira mensagem que as crianças vos querem dizer: «—Não somos adultos-pequenos. Somos crianças e o nosso conceito de ordem não é igual ao vosso. Não somos insubordinados, não somos não. Se não acreditam, reparem que quando organizamos os nossos próprios jogos, arranjamos as nossas próprias regras. Somos disciplinados e ordenados; é bom que compreendam é diferente do vosso (e talvez mais autêntico).

Reparem que trabalhamos durante um ano, e só agora nos dão o prazer da vossa presença. Acumulamos os desejos de vos mostrar o que conseguimos progredir durante um ano. Reparem na nossa alegria, na vontade que temos de comunicar com vocês e com toda a gente. É isto que vos

queremos dizer. Não nos chamem insubordinados, mas também, não nos aceitem paternalmente. Reconheçam o que somos e o que queremos.

Queremos actividades em que sejamos sujeitos activos, participando em todas as iniciativas de grupo e nunca um objecto colocado ao sabor dos interesses do adulto.

Durante todos estes anos passados, tem de ser repetido o mesmo cerimonial, tendente a revelar aos olhos do grande público o trabalho, as canseiras, as dificuldades sofridas e vencidas por aqueles a quem está incumbida a missão de dirigir os destinos do clube.

Nós, os que acompanhamos mais de perto, o Desporto, reconhecemos a «heroicidade» de quem, neste nosso país, ainda que deficientemente estruturado no campo desportivo, se encarrega de dirigir os clubes desportivos.

Reconhecemos ser autêntico suicídio — «auto-suicídio» — arcar com as tremendas responsabilidades de fazer com que associações, com toda a espécie de carências, possam realizar aquilo que se propõem atingir.

A esses carolas do Desporto a minha honesta e sincera homenagem e um pedido também: que a cada momento vivam a vida e que a pensem e que admitam poder enganar-se.

(1) E. Andrade.

LUIS RESENDE

Nacional de Hóquei em Patins-1.ª Divisão

A. A. E., 1 — Valongo, 2

A. A. E., 6 — Oeiras, 1

A. A. E., 1 — Salesiana, 4

O calendário impôs à AAE os três primeiros encontros do «nacional» no seu recinto. E, apesar disso, a turma espinhense não foi feliz, quanto à obtenção dos melhores resultados, pois, quanto ao tom exibicional, ele foi positivo de uma maneira geral.

Contra o Valongo, uma equipa façanhuda, dura, de luta, a AAE não se casa bem. Conseguiu equilibrar o resultado, porém não foi feliz quando o excelente, e incorrecto, Américo numa jogada da sua lavra obteve a vitória. O empate não escandalizaria, apesar dos valonguenses terem outra dinâmica, mais força, mais arrequenho.

Depois, apareceu o primeiro conjunto sulista. O Oeiras, com um ritmo de jogo que estava a carácter com a AAE, não pôde sustentar os espinhenses. Para mais, a AAE adiantou-se no marcador e, quando

assim acontece, a equipa tonifica-se, como se sente no inverso. A jogar bem, desenhando bons esquemas e aproveitando, duas vezes, a inferioridade numérica dos sulistas, a AAE construiu um resultado volumoso. Volumoso, porém merecido, já que foi superior em todos os capítulos.

No dia seguinte, apareceu a jovem e pujante turma da Salesiana, um osso difícil, já que uma das pechas academistas é o claudicar físico. Surpreendentemente, a AAE comportou-se de forma excelente, comandou durante largo período de tempo o encontro e poderia, até, ter tomado dianteira no marcador. Para nós, apesar da vitória do dia anterior, gostamos mais da equipa desta feita, mercê da sua manobra colectiva.

Já na 2.ª metade, a AAE viria a dar o flanco na parte final do encontro, imponente para se opor à maior força física e

anímica da Salesiana que, além disso, tem um belo conjunto.

Jogaram pela AAE: Vítor, Miro, Manuel José, Alfredo, Lacerda, Alcino, Martins e Diamantino; estes dois últimos não foram utilizados. Marcaram: Alfredo, contra o Valongo; Lacerda (3), Manuel José (1), Alfredo (2), contra Oeiras; Alcino, contra Salesiana.

Espera-se que a AAE continue a dar boa conta de si, naturalmente sem poder eliminar os problemas que condicionam a equipa, isto é, um índice físico algo deficitário, falta de suplentes para uma maior renovação do conjunto, a irregularidade de algumas pedras, alguma cerimónia dos avançados contra defesas mais rudes e a inibição, quando o resultado começa por ser negativo.

C. S.

A FINAL...

...Afinal o nosso artigo, recente, tinha razão de ser. De facto, no último número da «DE», vinha anunciada a «Feira Popular de Espinho», que vai funcionar de 5 de Julho a 31 de Agosto. E nele vimos programadas realizações de teatro, música, canto, folclore. Quanto ao desporto...

Ora, como ainda se está a tempo de emendar a mão, parece-nos pertinente o nosso escrito, sem pretendermos, claro está, que a ideia nele inserta prevaleça. Longe disso. O que desejamos, isso sim, é ver nesse certame a inclusão do desporto, pela importância do fenómeno junto das massas e, sobretudo, pelo facto de constituir uma forma altamente útil e valiosa na ocupação dos tempos livres, como nesta hora de luta pela massificação desportiva, uma chegada preciosa.

No certame cabe, perfeitamente, uma dinamização desportiva e, apostamos, terá muito impacto junto das massas populares, proporcionando jornadas de confraternização e chamando à nossa única zona verde cidadina muita e muita gente, entre praticantes de todas as idades e de ambos os sexos, como pessoas às quais interessam, de facto, sensibilizar para as práticas do desporto, sem o propósito competitivo, mas com o intuito de retirar dele os possíveis benefícios.

Não há dúvida, e repete-se, uma organização do género daquela que alvitramos dará trabalho, todavia, nessa altura há muitos jovens em férias, como existem os estudantes do serviço físico, as pessoas ligadas ao ENDO, da inactiva comissão local, sem esquecer os professores e instrutores

da educação física, também em férias, como a participação até dos clubes locais, sempre prontos a acorrer à chamada, porquanto, e isso é inegável, dentro dos condicionalismos que se conheciam e conhecem ainda, sempre deram apreciável impulso ao desporto espinhense.

Esperamos-nos em ver, nos próximos anúncios da futura «Feira Popular de Espinho», a inclusão do desporto, cujo programa naturalmente seria divulgado oportunamente, aproveitando o estupendo recinto existente naquela nossa zona verde, o gosto das nossas gentes e dos veraneantes por ele, a necessidade de sensibilizar a população para os benefícios dele decorrentes.

Portanto, insistimos na nossa ideia

C. S.

Leia e assine
a «DEFESA»

MINI - INQUÉRITO

ESPINHO — DOIS ANOS CIDADE!

Celebrou-se na passada segunda-feira, dia 16 de Junho, o 2.º aniversário da elevação de Espinho a cidade.

Depois de dois anos de «vida cidadina», qualquer espinhense ou mesmo forasteiro já terá uma ideia formada acerca da regalia de que Espinho usufruiu.

Para este Mini-Inquérito escolhemos duas perguntas dentro deste tema:

- Que benefícios trouxe a Espinho a elevação a Cidade?
- Encontra carências em Espinho já não coerentes com a sua posição de Cidade?

Guy Alberto Viseu, engenheiro mecânico:

«Sob o aspecto comercial, creio que Espinho tirou benefícios da sua elevação a Cidade. Não sei se na altura da passagem a Cidade, Espinho reuniria todas as condições para que isso na realidade fosse justo. Creio que nesta altura Espinho tem que lutar para justificar a regalia de que usufruiu. Essa luta terá que ser travada no aspecto industrial, comercial e essencialmente no campo da urbanização. Penso que Espinho carece muito hoje em dia de uma urbanização tanto quanto possível actual e justa. E digo justa, porque hoje em dia não se admite numa sociedade zonas de vivência insuficientes. Há uma obra que se está a realizar no Bairro Piscatório muito actual e justa, mas são precisas mais como aquela.

Outro aspecto é o do tráfego em Espinho, que é horrível e pelo qual devemos lutar, para suprimir essa lacuna, não só sobre a sua orientação, mas também sobre o estado em que se encontram as nossas vias. Se isto já não se justificava na Vila, muito menos se justifica na Cidade.

Outra carência notada já quando Espinho era Vila tinha sido a assistência hospitalar. Quando Espinho subiu a cidade e com a passagem do Hospital a regional, tudo veio aqui ter. Se as instalações do Hospital eram pequenas para o movimento que tinha, mais se acentuou essa carência.

Assim, isto é um problema a resolver pelas autoridades competentes. É necessário que, o mais urgentemente possível as instalações do nosso Hospital sejam alargadas, pois são insuficientes e, se subimos a Cidade, devemos suprimir essa falta, porque hoje em dia o bem primário de cada pessoa é a saúde.

Resumindo, creio que a elevação de Espinho a Cidade veio-nos beneficiar. Portanto devemos lutar para o nome de Cidade ser o mais possível justo.»

José Lourenço, oficial da Força Aérea:

«Eu, apesar de não ser de Espinho, creio que a elevação de Espinho a Cidade foi uma grande coisa, porque como Cidade, tem mais independência e está em condições de maior desenvolvimento.

No entanto há muita coisa ainda a desenvolver para que o título seja inteiramente justo. A defesa da Praia impõe-se pela atracção que esta sempre foi para o turista que se deslocava a Espinho. Ainda há uma praia grande ao Norte de Espinho, mas as pessoas acostumaram-se a vir aqui para o Centro e não vão para lá.

Outro problema é o da linha de comboio, e esta passagem, apesar das inúmeras opiniões existentes, creio que se não for embelezada não gosto do seu aspecto. Esteticamente não está perfeita, quanto a mim. A rua 19 foi cortada, pois estendia-se até ao mar, o que era muito bonito. A meu ver, a passagem terá que ser beneficiada esteticamente. Tinham-me informado que as paredes seriam revestidas a «pastilha». Não sei se são ou não. Claro que agora encontra-se a passagem revestida de cartazes. Mas isso é uma coisa temporária.

No entanto, Espinho tem já muita indústria e comércio. A parte estética é, quanto a mim, o ponto a desenvolver.»

Fernando José da Silva, cordoeiro:

«Acho que a elevação de Espinho a Cidade, não lhe trouxe qualquer benefício, pois não vejo melhoramentos nenhuns.

Espinho tem falta de monumentos, prédios de «classe» (vê-se um ou dois) e movimento de cidade. O que vale a Espinho é a praia com o mar; se não fosse ela, isto seria uma vila como outra qualquer.»

João Rui dos Santos Silva, estudante:

«Acho que foi benéfico para Espinho a sua elevação a Cidade turisticamente, pois veio-lhe dar um maior nome; e juntamente com a elevação veio a subida da equipa de futebol à primeira divisão, o que ajudou muito na publicidade à terra.

Quanto a carências, encontro a linha de comboio que deveria ser desviada do centro da Cidade, um liceu digno de Espinho (o que já existe, embora ainda não esteja em funcionamento) e o melhoramento da praia.»

António Silva (preferiu não mencionar a profissão):

«A elevação a Cidade trouxe um maior desenvolvimento a Espinho. Espinho, como uma cidade pequena, está mais ou menos bem fornecida de complementos necessários a essa categoria. Tem, no entanto, algumas falhas, que não me compete enumerar (!).»

Demos por encerrado o nosso Mini-Inquérito. Cremos que o assunto abordado teve actualidade, e sobretudo, carácter regional, característica que nos tem faltado, segundo várias críticas, e que tentaremos suprimir. Até para a semana!

D. E.

Cinema



CONVOCATÓRIA

O Grupo de Acção e a Revista de Cinema Cinex, face ao execrável surto de filmes reaccionários e demagógicos, que se exibem presentemente em Lisboa, convocam os críticos de cinema, cine-clubistas de todo o país, trabalhadores do filme, militantes dos partidos políticos (como representantes da vontade popular) e público em geral (aliás, a vítima principal desta ignóbil fraude), para uma manifestação de protesto contra o mau cinema, a realizar no dia 30 de Maio, às 17 horas, tendo como local de concentração a Praça do Marquês de Pombal.

Contra o mau cinema! Contra os oportunistas e a exploração do público! Abaixo os que procuram servir-se da liberdade revolucionária; Ponhamos cobro à ganância de meia dúzia de exploradores, que apenas se servem do cinema para encher as algibeiras!

Lisboa, Maio de 1975.

Foram estas as palavras usadas por algumas pessoas que resolveram convocar uma manifestação de protesto contra o mau cinema que ultimamente nos tem chegado.

Da sua eficácia ou não, é coisa que pouco interessa analisar agora, até porque nem sequer sei se a manifestação teve muita ou pouca participação, no entanto trata-se de mais uma maneira de chamar a atenção do público e das entidades competentes para um problema que a algumas pessoas preocupa (poucas? muitas?) mas que de certeza não preocupa a muitas mais que se continuam a «regalar» com «os últimos tangos em Paris ou Zaragol», com os «emmanuelles» etc.

Pessoalmente não acredito que o problema se resolva com a introdução duma nova censura, na medida em que não é tirando e escondendo o que quer que seja, que se consegue que as pessoas aprendam a escolher ou recusar aquilo que lhes apresentam, neste caso filmes.

Também é evidente, pelo menos para mim, que é difícil as pessoas libertarem-se da necessidade (pois duma verdadeira necessidade se trata) de ver determinados filmes. É toda uma educação e uma maneira de estar no mundo que dificilmente se alterará, e que faz com que as pessoas tenham necessidade por exemplo de manifestarem as suas frustrações sexuais vendo filmes mais ou menos pornográficos ou a sua agressividade (que deveria ser dirigida para o derrube da exploração) vendo filmes violentos.

Será na constatação destes factos que algumas pessoas basearão um raciocínio bastante comum mas que não passa de um desejo de ver as coisas continuarem como sempre; já que as pessoas querem ver destes filmes e gostam, pois então deixá-las ver.

Embora não acredite na mudança repentina de gostos e de hábitos, porque as razões são bastante mais profundas e pressupõem uma mudança da sociedade, não compreendo porque razão há determinados filmes que até nem são difíceis, depois de estrear em Lisboa nunca mais ninguém lhes põe os olhos em cima. É o caso de: Attica, os Fuzis, Greve-Ocupação, Tupamaros, Frente Popular 1936, Quando o Povo Acorda, etc.

Isto quando neste mês de Junho o Cine-Teatro S. Pedro apresenta 2 ou 3 filmes sofríveis (com boa vontade) porque quanto ao resto...

A. CARDOSO

AVISO

Imposto Profissional das Profissões Liberais

Os contribuintes que exerçam por conta própria profissões constantes da Tabela anexa ao Decreto-Lei n.º 209/75, de 18 de Abril, ficam obrigados:

a) A passar recibos, em impressos modelo n.º 2, isentos do imposto de selo, de todas as importâncias cobradas dos seus clientes;

b) A escriturar um livro destinado ao registo de receitas e despesas, apoiado na documentação justificativa a que se refere a alínea anterior e o § 1.º do artigo 10.º do citado Decreto-Lei, devendo todos os elementos encontrar-se no local do exercício da actividade;

c) A apresentar, na repartição de finanças competente antes do início da

actividade ou os que já estão a exercer, a declaração modelo n.º 4, em duplicado;

d) É igualmente obrigatório para os contribuintes sujeitos a este regime a afixação, em local bem visível das instalações utilizadas no exercício da profissão, de um aviso com os seguintes dizeres:

«De todas as importâncias pagas pelos clientes é obrigatória a exigência do respectivo recibo»;

e) O regime estabelecido é facultativo para os contribuintes que exerçam as actividades de enfermeiro, auxiliar de enfermagem, parteira e massagista.

O Chefe da Repartição de Finanças
João Marques dos Santos Torres

Refrigeração e Electricidade REFREL

Reparações de frigoríficos comerciais e domésticos, fogões, máquinas de lavar, etc., com prontidão e aos melhores preços

RUA 16 N.º 1087 — ESPINHO

SEMANÁRIO AVENÇADO

Camara Municipal de Espinho
Rua -19
ESPINHO